

LETRAMENTO, LEITURA, LITERATURA E PRODUÇÃO DE TEXTO: SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Kelly Cristina Costa Martins¹
Simônica da Costa Ferreira²

Introdução

Nos dias atuais percebemos que o trabalho com leitura tem se tornado uma preocupação para os professores de uma forma geral, e se transformado em alvo de várias discussões nos meios acadêmicos.

Dentro do campo da leitura encontramos ainda várias discussões em torno do termo alfabetização e letramento; e essa temática é marcada por muitos desencontros no que se diz respeito à significação destes conceitos. O termo letramento foi introduzido muito recentemente na língua portuguesa, é a partir dos anos oitenta, que esta palavra torna-se mais freqüente nos discursos escritos e falados dos especialistas das áreas da Educação e das Ciências Linguísticas.

Segundo Soares (1998) a palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa Literacy “condição de ser letrado”, ou literate, que é o adjetivo que caracteriza a pessoa que domina a leitura e a escrita. Assim, letramento é o estado ou condição de quem sabe ler e escrever, isto é, o estado ou a condição de quem responde adequadamente às intensas demandas sociais pelo uso amplo e diferenciado da leitura e da escrita.

Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar para ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor. (SOARES, 2003: 92).

¹ Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)

² Universidade Estadual de São Paulo (UNESP)

Já alfabetizar, segundo Soares (2003) “é levar ao alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades para ler e escrever.

O primeiro passo para que ocorra a alfabetização é fazer com que o analfabeto compreenda que o nosso sistema de escrita é alfabético, é composto por letras que somadas constituem-se palavras. É necessário também, que a criança e/ou adulto compreenda que a língua escrita não é mera representação da língua falada, pois de acordo com Soares (2003), o discurso oral e o discurso escrito são organizados de forma diferente.

Assim, entende-se por alfabetizado o indivíduo que aprendeu a ler e a escrever, que adquiriu a “tecnologia” da leitura e da escrita, o que possibilita a este codificar e decodificar em língua escrita.

Nesse sentido, define-se alfabetização – tomando-se a palavra em sentido próprio – como processo de aquisição da ‘tecnologia da escrita’, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético, ortográfico), habilidades motoras de manipulação de instrumentos e equipamentos para que a codificação e decodificação se realizem, isto é, a aquisição de modos de escrever – aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler, habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha, corretivo, régua, de equipamentos como máquina de escrever, computador...), habilidades de escrever ou ler seguindo a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para direita), habilidades de organização espacial do texto na página, habilidades de manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê – livro, revista, jornal, papel, sob diferentes representações e tamanhos (folha de bloco, de almanaque, de caderno, cartaz, tela de computador...). Em síntese: alfabetização é o processo pelo qual adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja, o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte da ciência da escrita. (SOARES, 2003:91)

De acordo com Soares (2003), alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis. Já que uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, como também pode ocorrer o inverso – ser letrado, mas não ser alfabetizado.

(...) um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita carta para que um alfabetizado escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto, é de certa forma letrado, por que faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de

leitura e escrita. Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe o uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já e de certa forma, letrada. (SORAES, 2003:93)

Esclarecido e definido as terminologias alfabetização e letramento, vamos apresentar que conceitos aderimos neste texto para leitura e literatura que embasam nosso trabalho.

Haqira Osakabe (1985) afirma ainda que, aprender a ler não corresponde simplesmente à aquisição de um novo código ou muito menos ao simples desenvolvimento de um tipo de percepção através do acréscimo de uma nova habilidade. Aprender a ler é, também, ter acesso a um mundo distinto daquele em que a oralidade se instala e organiza.

Diante desse pressuposto podemos afirmar que o ato ou o hábito de ler é influenciado por determinantes que causam reações e sensações diversas no leitor, desse modo a leitura não é algo estático, mas em permanente transformação. A leitura varia e se transforma de acordo com o texto, o momento e a situação na qual se encontra o leitor, pois “não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma narrativa”. (CAGLIARI, 2005:172).

Dentro do campo das muitas faces da leitura nos centramos no trabalho com literatura. Lajolo (2001) salienta que, a literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca.

Entretanto, não podemos confundir arte – contemplação, com entretenimento no sentido de alienar-se. De enxergar a literatura como passa tempo, ou ainda, como fuga da realidade, como possibilidade de ausentar-se da vida e passar a viver no imaginário.

A condição artística ou estética da literatura deve ser pensada e apresentada aos sujeitos como possibilidade de “pensar a dimensão do objeto artístico, enquanto lugar em que o sujeito que experimenta a arte encontra nela um espaço para construir sua identidade, e não como um objeto de consumo para divertir-se” (BRITTO, 2003:113).

Nosso trabalho está embasado nesses conceitos, pois acreditamos que a leitura pode ser um rico instrumento no processo de ensino-aprendizagem, desde que se

respeite seu suporte original e não o faça como simples objeto de técnico de ensino, e tão pouco como artifício de redenção daqueles que o dele usufruem como se o ato de ler por si só pudesse levar o indivíduo a ser mais crítico. Pois sabemos que para que isso ocorra o professor, ou aquele que vai mediar este processo, deve se ater a metodologia a ser trabalhada e ainda estar ciente do nível cognitivo dos seus alunos.

Apresentaremos a seguir como essas práticas se realizam no cotidiano dos atendimentos feitos no CELLIJ (Centro de Estudos de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil) da Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT - UNESP.

Letramento, literatura e produção de textos

Dentro do grupo de pesquisa CELLIJ temos uma ação intitulada Letramento Literário, onde são atendidas crianças de nove a onze anos das escolas públicas e particulares da cidade de Presidente Prudente SP, todas essas ações são orientadas e coordenadas pela Prof^a. Dr^a. Renata Junqueira de Souza.

Os atendimentos acontecem uma vez por semana em horário inverso ao da escola. O intuito deste trabalho é oferecer as crianças uma experiência literária, sem deixar, no entanto que as atividades de leitura e produção de texto “desrespeitem” o suporte original. Segundo Rildo Cosson (2006), a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência.

Apresentamos neste texto uma das atividades desenvolvidas no projeto. A escolha dessa atividade se deu por interesse dos alunos e o suporte textual foi gibi. Bem sabemos que gibi não é considerado leitura literária, mas como o interesse por essa temática partiu dos alunos aproveitamos o ensejo.

Para iniciar a atividade, falamos um pouco sobre o histórico das histórias em quadrinhos apresentamos também a biografia de Maurício de Souza. Colocamos vários gibis à disposição dos alunos, eles tiveram um momento para ler. Esta atividade foi muito instigante, as crianças se sentiram parte do processo de composição da atividade, já que foram eles que pleitearam esse tema para a aula.

Podemos relatar a experiência de um dos alunos³ que tem dificuldades com a leitura. Um dos motivos dessa dificuldade é que ele é acometido por uma leve gagueira.

³ Chamaremos de aluno A.

Entretanto nessa aula em especial percebemos o seu envolvimento, ele foi o primeiro a ter iniciativa de ler uma das histórias em quadrinhos.

Depois da leitura propomos a produção de uma história em quadrinhos e o aluno A que também tinha certa dificuldade em desenvolver as atividades de produção de texto, foi o primeiro a começá-la. Todos os alunos se mostraram atentos e desenvolveram as atividades com muito empenho.

Para finalizar, contamos uma história intitulada “O Julgamento” de Maurício de Souza.

Apesar de produzirem individualmente, os alunos sentam sempre em grupos, geralmente sentam de três a quatro crianças por mesa, as discussões são feitas também em grupo. Cada aluno trabalha de acordo com seu nível cognitivo. Alguns deles ainda estão saindo do processo de alfabetização (de aquisição da língua escrita), mas a maioria já lê e escreve com desenvoltura.

O processo de correção das atividades está embasado na construção da escrita e a questão do erro é vista como tentativa de acerto e não como algo negativo. Toda vez que um aluno escreve “errado” ou tenta escrever alguma palavra e não é bem sucedido, nos achegamos a ele pedimos para que leia o que está escrito e tente identificar o que está faltando na palavra ou a troca das letras.

As atividades propostas visam enriquecimento cultural, lingüístico, além de desenvolver o hábito da leitura e a produção de textos. Os materiais utilizados nesse trabalho são textos literários, poesias, músicas e gibis.

Os textos são uma rica mediação de que dispomos, e dentro desse campo a literatura se apresenta como aliada para prática docente, pelo vasto conjunto que compõem suas obras. Entretanto percebemos que não basta ter textos em sala de aula, seja ele literário ou não. O que precisamos é de uma nova postura de trabalho frente a esses materiais. O professor necessita de uma metodologia que seja adequada às necessidades cotidianas da sala de aula.

Acreditamos que desse modo os alunos sintam que são parte do processo de ensino-aprendizagem, e tem a possibilidade de enxergar que a escrita é algo que se constroe e que o “erro” é parte dessa via de construção.

Os resultados alcançados até o momento apontam a gama de fatores que envolvem o processo de ensino aprendizagem e que a leitura e a escrita são práticas sociais e que por mais que a escola queira institucionalizá-las elas não devem perder sua identidade primeira que é estar presente no cotidiano de cada indivíduo.

Referências

BRITTO, Luiz Percival Leme. *Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2005

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: Entre a teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

SOARES, Magda. *Letramento: UM TEMA EM TRÊS GÊNEROS*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e escolarização. In: *Letramento no Brasil*. RIBEIRO, Vera Masagão (org.). São Paulo: Global, 2003. Pt. 2 p.89-115

OSAKABE, Haqira. Considerações em torno do acesso ao mundo da escrita. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado aberto. São Paulo, 1985.